

“Espaço do trabalho e mudanças socioespaciais: a reconstrução dos espaços urbanos-fabris no município de São Gonçalo-RJ”

João Marçal Bodê de Moraes

Resumo

O município de São Gonçalo (RJ) tem passado por uma profunda modificação em sua organização social a partir do fim das antigas atividades econômicas e da retomada da dinâmica urbana-operária-fabril, sendo que estas mudanças na divisão do trabalho atualmente marcam as relações sociais desta população.

Este trabalho pretendeu analisar os processos de transformação da classe trabalhadora de São Gonçalo e as suas relações com um território cujas transformações estão relacionadas com a inserção de novas atividades econômicas na região, distintas das atividades tradicionais formadoras da identidade operária-fabril do município, segundo os seus trabalhadores e suas representações socioespaciais, enfocando a construção de relações espaço-temporais e de uma cultura local própria concentrada em dois bairros: Vila Lage e Porto da Pedra.

Palavras-chaves: espaço, industrialização, trabalhador, identidade.

Introdução

O espaço em si pode ser primordialmente dado, mas a organização e o sentido do espaço são produto de translação, da transformação e da experiência sociais.

(Edward Soja, 1993)

Este trabalho faz uma análise dos espaços urbanos segundo as práticas sociais geradas em meio às transformações da cidade de São Gonçalo, ou seja, como os trabalhadores relacionam e delimitam concreta e simbolicamente os seus espaços. A observação dos marcos simbólicos do espaço social nos bairros, do processo de urbanização e do espaço urbano-industrial, dos diferentes processos de industrialização, bem como do papel da acumulação de capital e do Estado na organização espacial, dos fatores de localização industrial e sua relação com as cidades em diferentes escalas, redes, hierarquias, assim como do processo de metropolização, foram pontos fundamentais articulados como base para as reflexões. A pesquisa focaliza este fenômeno urbano segundo as questões levantadas pelos trabalhadores de São Gonçalo e suas representações dos espaços por meio da ligação com o lugar em que vivem. Utilizo uma abordagem particular da ocupação espacial, considerando alguns aspectos, entre os quais os marcos espaciais e simbólicos que constituíram a cidade de São Gonçalo e que ainda são um referencial para aquela população, já que, nesta região, localizam-se vários espaços voltados para os trabalhadores de empresas (conjuntos residenciais, sindicatos, clubes etc.).

Assim, a pesquisa visa a investigar este espaço social hoje constituído, mediante o processo de reestruturação produtiva e da (re)significação das relações sociais e culturais que ele ocasiona. Portanto, para compreender o fenômeno urbano que ocorre em São Gonçalo, sobretudo no que tange à esfera operário-fabril e suas facetas, considero relevante a investigação da construção do espaço social sobreposto ao espaço físico/geométrico transformado pelo seu uso por meio do trabalho e pelas diferentes formas de apropriações simbólicas implicadas.

Num primeiro momento, este trabalho pretende mostrar uma breve reconstrução histórica de São Gonçalo, desde a sua antiga configuração socioeconômica até o seu processo de industrialização e de construção espacial pelos trabalhadores. Para isso, limitarei esta reconstrução entre a década de 1930

até os dias atuais, o que me permite focalizar os momentos mais determinantes da industrialização desta região, haja vista que as primeiras indústrias fabris surgiram ali a partir desta década. Num segundo momento, destacarei a importância etnográfica para o entendimento dos dados empíricos levantados em campo, que são utilizados neste trabalho, e o uso da bibliografia adequada para esta etapa, fazendo assim uma análise mais conceitual do objeto da pesquisa – a construção social do espaço urbano, a industrialização e a cultura da classe trabalhadora – por meio das literaturas clássica e contemporânea a fim de nortear o campo teórico de análise do trabalho geográfico, entre as quais se destacam autores como Henry Lefebvre, Edward Soja, Manuel Castells, Yi-Fu Tuan, Simoni Guedes, José Guilherme Magnani, Gilberto Velho, entre outros.

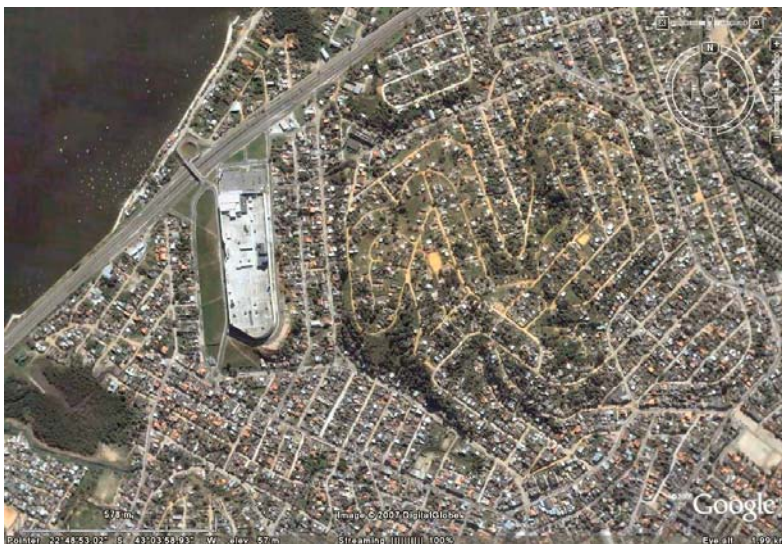
O presente trabalho prosseguirá com a análise da (re)construção dos espaços de trabalhadores urbanos de uma região ainda industrial, por meio de suas representações simbólicas e dos marcos espaciais construídos por eles no município, pois os diversos bairros deste município, embora contíguos, são distintos e possuem suas especificidades. Como já foi observado num estudo anterior sobre a cultura da classe trabalhadora no município de São Gonçalo, em entrevistas feitas com os moradores da região, esses espaços são muito bem demarcados, com diferenças locais e fronteiras sociais notórias, sejam elas atribuídas pela ocupação, sejam pelas condições socioeconômicas atuais.

Minhas observações, em São Gonçalo, se limitaram ao distrito de Neves, especificamente a dois de seus bairros (Porto da Pedra e Vila Lage), que, em meu entendimento, concentram a rede de relações sociais e espaciais mais relevantes para o estudo, existente desde o seu surgimento como uma região industrial, já que Neves foi o bairro que mais recebeu indústrias nas décadas de 1940 e 1950.

Vista do bairro Vila Lage – Neves/São Gonçalo-RJ



Vista do bairro de Porto da Pedra – Neves/São Gonçalo-RJ



(imagens de satélite do Google Earth)

São Gonçalo: a formação de uma cidade urbano-industrial

Até a década de 1930, antes da implantação das indústrias, São Gonçalo era uma região em que predominavam antigas propriedades rurais, com produção agrícola (citricultura, fruticultura) voltada para os mercados locais. Com a decadência da produção agrícola e a inserção de novas atividades econômicas, sítios e fazendas foram sendo desmembrados para loteamento, a fim de proceder ao que a propaganda oficial da época chamava de “a transformação do rural para o urbano” (Freire, 2002).



Vinhedo em São Gonçalo. Década de 1920. Daniel Ribeiro.
Centenário da Independência do Brasil. Álbum do Estado do Rio de Janeiro.

O processo de industrialização desta região teve início no período do Estado Novo, a partir da década de 1930, conforme os fatores econômicos, políticos e geográficos que favoreceram a instalação de manufaturas na região, tais quais “a urbanização da Guanabara (Distrito Federal) e a posterior

implantação de estratégias de proteção fabril, como financiamentos e isenção de impostos, criados pelo Estado” (Araújo: 2002). Segundo Freire e Freire (2006), politicamente, o desenvolvimento de São Gonçalo foi proporcionado pela aliança entre o governador do estado, Amaral Peixoto, e o presidente da República, Getúlio Vargas, pois “o par capital nacional-estatal foi central para o desenvolvimento de tal parque industrial, uma das expressões do projeto do Brasil moderno urbano-industrial pós-1930”.

A localização geográfica do município, próximo às antigas capitais do estado (Niterói) e federal (Guanabara) e à baía da Guanabara, era um aspecto fundamental para o seu desenvolvimento, já que a proximidade com os grandes centros e o litoral possibilitava o melhor acesso de mão-de-obra, de pessoas e de mercadorias, assim como o estabelecimento de uma indústria naval que já existia (estaleiros e metalúrgicas) e de beneficiamento pesqueiro (sardinhas em lata), bem como de instalações da Marinha.



Mapa extraído do site da Prefeitura Municipal de São Gonçalo
(<http://www.saogoncalo.rj.gov.br/>)

Com a grande demanda imobiliária originada pela afluência de trabalhadores para as indústrias e a necessidade de se construírem casas, vilas operárias, conjuntos habitacionais e toda a infra-estrutura para abrigar a população crescente, as propriedades rurais remanescentes passaram a ser loteadas a partir da década de 1940, configurando um novo desenho e imprimindo novas características à região de acordo com a intensificação da ocupação urbana. A construção da rodovia federal BR-101, que tem um pequeno trecho passando pelo município de São Gonçalo, proporcionou a ligação mais rápida entre os bairros de São Gonçalo aos centros de Niterói e do Rio de Janeiro, estendendo o crescimento das indústrias e focos populacionais também ao longo das margens da rodovia e aos locais mais distantes e menos urbanizados, posteriormente as “novas periferias” (Guedes, 1997). Neste sentido, podemos lembrar a metáfora de Lefebvre ao dizer que “o tecido urbano não é apenas um tecido jogado sobre o território”, já que

com efeito, o interesse do “tecido urbano” não se limita à sua morfologia. Ele é o suporte de um “modo de viver” mais ou menos intenso ou degradado: a sociedade urbana. Na base econômica do “tecido urbano” aparecem fenômenos de outra ordem, num outro nível, o da vida social e “cultural” (Lefebvre, 2004: 11).

De modo geral, os fatores acima mencionados foram decisivos para fomentar os grandes projetos econômicos instalados no município de São Gonçalo, determinantes para a transformação da região, cujo modelo de industrialização é muito semelhante ao de outras cidades brasileiras.

Historicamente, São Gonçalo foi marcada por uma dinâmica industrial expressiva no contexto nacional, chegando a ser classificada como a “Manchester fluminense”, dado o seu alto e variado grau de concentração industrial, e o distrito de Neves teve um importante papel entre os bairros de São Gonçalo que cresceram em torno desta atividade, se estruturando, assim, como um bairro formado por operários de diferentes ofícios. Entre as indústrias instaladas na região, havia as de fundição, de cerâmica, de fósforo, de conservas de peixe, de artefatos de cimento, de vidros e porcelanas, de fogos, além das indústrias ligadas à construção naval e instalações militares.

Atualmente, São Gonçalo possui cinco distritos administrativos – São Gonçalo, Ipiíba, Monjolo, Neves e Sete Pontes – que abrigam 91 bairros (vide a tabela e o mapa abaixo). A maior concentração populacional encontra-se no distrito de São Gonçalo, sendo que o distrito de Neves abriga a quarta maior população do município (Fundação IBGE, 2000). De acordo com os dados do IBGE (2005), a população de São Gonçalo é de 958.786 pessoas distribuídas numa área de 251,3 Km² sendo o segundo município mais populoso do Estado do Rio de Janeiro. A partir da industrialização da região, com a formação da imensa massa de trabalhadores e suas famílias, houve, portanto, um grande crescimento populacional. Entre 1940 e 2000, a população foi multiplicada por dez (Guedes, 2006).

| 1º Distrito (30 bairros) | 2º Distrito (20 bairros) | 3º Distrito (17 bairros) | 4º Distrito (13 bairros) | 5º Distrito (10 bairros) |
|-------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|-------------------------------------|
| 1. Palmeira | 55. Almerinda | 53. Jardim Catarina | 6. Boa Vista | 12. Venda da Cruz |
| 2. Itaoca | 56. Jardim Nova | 63. Raul Veiga | 7. Porto da Pedra | 13. Covanca |
| 3. Fazenda dos Mineiros | República | 64. Vila Três | 8. Porto Novo | 28. Santa Catarina |
| 4. Porto do Rosa | 57. Arsenal | 65. Laranjal | 9. Gradim | 29. Barro Vermelho |
| 5. Boaçu | 58. Maria Paula | 66. Santa Luzia | 10. Porto Velho | 30. Pita |
| 21. Zé Garoto | 59. Arrastão | 67. Bom Retiro | 11. Neves | 31. Zumbi |
| 22. Brasilândia | 60. Anaia Pequeno | 68. Gebara | 14. Vila Lage | 32. Tenente Jardim |
| 23. Rosane | 61. Joquei | 69. Vista Alegre | 15. Porto da | 33. Morro do Castro |
| 24. Vila Lara | 62. Coelho | 70. Lagoinha | Madama | 34. Engenho |
| 25. Centro (Rodo de S.G.) | 72. Amendoeira | 71. Miriambi | 16. Paraíso | Pequeno |
| 26. Rocha | 74. Jardim Amendoeira | 73. Tiradentes | 17. Patronato | 35. Novo México |
| 27. Lindo Parque | 75. Vila Candoza | 85. Pacheco | 18. Mangueira | |
| 36. Tribobó | 76. Anaia Grande | 86. Barracão | 19. Parada 40 | |
| 37. Colubandê | 77. Ipiíba | 87. Guarani | 20. Camarão | |
| 38. Mutondo | 78. Engenho do Roçado | 88. Monjolo | | |
| 39. Galo Branco | 79. Rio do Ouro | 89. Marambaia | | |
| 40. Estrela do Norte | 80. Várzea das Moças | 90. Largo da Idéia | | |
| 41. São Miguel | 81. Santa Isabel | 91. Guaxindiba | | |
| 42. Mutuá | 82. Eliane | | | |
| 43. Mutuaguaçu | 83. Ieda | | | |
| 44. Mutuapira | 84. Sacramento | | | |
| 45. Cruzeiro do Sul | | | | |
| 46. Antonina | | | | |
| 47. Nova Cidade | | | | |
| 48. Trindade | | | | |

| | | | | |
|---|--|--|--|--|
| 49. Luiz Caçador 50. Recanto das Acácias 51. Itaúna 52. Salgueiro 54. Alcântara | | | | |
|---|--|--|--|--|



Mapa e listagem extraídos do site da Prefeitura Municipal de São Gonçalo (<http://www.saogoncalo.rj.gov.br/>).

Os marcos simbólicos como forma de identidade e pertencimento com o lugar

Como bem lembra Tuán (1980: 229), “a própria cidade pode ser um monumento (...). Seus arranjos físicos, suas geometrias e a ordem hierárquica são meios arquitetônicos para expressar um local do cosmo e da sociedade”. Portanto, para entender de que maneira é dado o uso da paisagem na memória dos moradores desses bairros, é importante ressaltar símbolos que identificam o lugar e que também geram um referencial que os diferenciam dos demais. Tais referenciais estão subjetiva e coletivamente identificados como marcos e marcas de um passado desenvolvimentista, de uma época em que industrialização e crescimento urbano eram sinônimos de progresso incondicional, e que, em São Gonçalo, começou a se alterar depois do seu auge industrial, na década de 1950, quando se intensificaram os problemas de uma urbanização precária que também é exemplar do modelo de crescimento urbano das cidades brasileiras. Ou, como sintetiza Reznick (apud Guedes, 2006), “as representações acerca desse fenômeno [da crença na urbanização progressista] começam a se modificar em meados dos anos 50: surge a “cidade-dormitório”, o “caos urbano”, o “descaso” com os bairros populares”. Assim, não é raro que os antigos referenciais oponham-se à situação presente, que muitos moradores apontam como de abandono ou decadência.



(vista do comércio de Neves – São Gonçalo/RJ – Foto: João Marçal)

Podemos listar tais referenciais simbólicos como sendo antigas fábricas, monumentos, conjuntos residenciais e outras formas arquitetônicas características não apenas no distrito de Neves, mas também encontradas em toda a cidade de São Gonçalo. Esses símbolos urbanos específicos delimitam fronteiras, criam vínculos, aprimoram a rede de relações sociais, são incluídos ou excluídos, criam um *ethos*. Apontam também para a situação local e para a própria atuação do poder público, valorizando ou desvalorizando uma área.

Apesar de as paisagens do município serem contíguas, cada bairro de São Gonçalo tem características próprias, pois, conforme Magnani (2000), “as descontinuidades significativas do tecido urbano não são o resultado de fatores naturais, como a topografia, ou de intervenção, como o traçado de ruas, zoneamento e outras normas”. Assim, o que determina as diferenças, além de um conjunto de valores culturais, também são os marcos que simbolizam a apropriação do lugar e suas delimitações de acordo com a visão dos moradores. Ainda segundo Magnani, nas representações próprias dos operários, o lugar vira “pedaço” quando

o espaço – ou um segmento dele – assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações (...) Dessa forma, o pedaço é ao mesmo tempo resultado de práticas coletivas (entre as quais as de lazer) e condição para exercício de fruição. (Magnani, 2000: 32)

Assim, uma outra distinção importante, a que pretendo me referir em minha pesquisa, para complementar a idéia de “pedaço”, seria a “mancha”, também um conceito dado por Magnani. Minha escolha dos bairros Porto da Pedra e Vila Lage como locais de estudo, além das razões já explicitadas anteriormente, dizem respeito a uma visão conceitual sobre o que seja uma área contínua e homogênea – a que me oponho, no caso de Neves. Não há dúvidas de que se trata de uma área conurbada, porém, há muitas distinções entre elas. Utilizarei, neste caso, a categorização usada por Magnani de “mancha”:

Existe uma outra forma de apropriação do espaço quando se trata de lugares que funcionam como ponto de referência para um número mais diversificado de frequentadores. Sua base física é mais ampla, permitindo a circulação de gente oriunda

de várias procedências. São as *manchas*, áreas contíguas do espaço urbano dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante. (Magnani, 2000: 40)

Assim,

As marcas dessas duas formas de apropriação e uso do espaço – *espaço e mancha* – na paisagem mais ampla da cidade são diferentes. No primeiro caso, no qual o determinante são as relações que estabelecem entre seus membros, pelo manejo de símbolos e códigos comuns, o espaço enquanto ponto de referência é restrito, interessando mais a seus *habitués*. Com facilidade muda-se de ponto, quando então leva-se junto o *pedaço*. (Magnani, 2000: 42)

A respeito das modificações da paisagem arquitetônica ocorridas em São Gonçalo, tais transformações reafirmam as mudanças sofridas pelas novas formas de ocupação e apontam a necessidade de reconfigurar os novos espaços urbanos. Considero que as marcas do passado, no apogeu da industrialização, ainda estão presentes no imaginário da população desses bairros operários. Entretanto, não quero aqui afirmar que o projeto arquitetônico anterior, com vilas e conjuntos residenciais característicos do período, seja determinante como um único paradigma de análise para se entender as mudanças locais, ou melhor, o que se vê hoje, nos bairros, é uma nova organização tanto espacial quanto arquitetônica, que também nos conta sobre o lugar e as pessoas de hoje, pois

a cidade oferece também lugares de lazer, em que seus habitantes cultivam estilos particulares de entretenimento, mantêm vínculos de sociabilidade e relacionamento, criam modos e padrões culturais diferenciados. Trata-se, enfim, de uma metrópole, com mazelas e também com os arranjos que os moradores fazem para viver (ou sobreviver), combinando o antigo e o moderno, o conhecido e a novidade, o tradicional e a vanguarda, a periferia e o centro. (Magnani, 2000: 19)

Conforme tenho estudado as formas de relações sociais urbanas específicas do distrito de Neves, essas questões de identidade remetem à minha pesquisa com os índios tupiniquim de Aracruz, tema da minha dissertação de mestrado, quando estes se referiam aos antigos marcos simbólicos das aldeias para a sua reafirmação étnica, que poderiam ser tanto o local de uma antiga árvore derrubada, uma ruína de igreja, um riacho que não existe mais, um caminho no meio da mata, assim como outros que eles elegeram também como marcos simbólicos para a comunidade, o que foi importante para entender também como se dava a sua forma de pertencimento com o lugar e como estes marcos faziam a ligação do passado com as novas relações presentes.

Para compreender o processo de reconstrução do espaço fabril de São Gonçalo e os seus reflexos na relação com os valores e a cultura operária, é necessária a abordagem específica do imaginário simbólico desses trabalhadores com suas memórias de cidade industrial e de “passado bom”, assim como, na atualidade, com os seus novos símbolos.

É visível a nostalgia dos trabalhadores, principalmente os mais antigos, enquanto que o que se percebe nas novas gerações é uma outra forma de se relacionar com o lugar, com os atuais paradigmas econômicos mais marcantes na região (notadamente o comércio e a presença de shopping center).



(panfleto indicando o acesso para o shopping center)

Quanto às formas de ocupação dos trabalhadores atualmente predominantes no município, estas “apresentam-se de modo heterogêneo”, de acordo com a pesquisa de Guedes:

Há inserções formais e estabilizadas no mercado de trabalho bastante diversificadas, configurando-se um espectro que vai de empregos domésticos a pequenos funcionários públicos, registrando-se também alguns pequenos proprietários, além de inúmeras inserções informais e diversas pessoas desempregadas. (Guedes, 2006: 5)

Considerada periférica, São Gonçalo é uma cidade onde se encontram bairros populares, com cultura e valores diferentes de bairros de classe média, em que todo tipo de estigma é possível, como, por exemplo, o de ser uma “cidade-dormitório” – aquela em que os moradores não possuem nenhuma relação com o lugar. Mas o que se observa é uma situação inversa: há uma forte ligação de pertencimento com o lugar. Esta pesquisa mostrou os espaços e as relações sociais e identitárias da cidade, analisando os processos de transformação da classe trabalhadora do município e as suas relações com um território também em transformação, ressaltando-se que as mudanças no trabalho e na organização social lá ocorridas vêm alterando estas relações, com a inserção de novas atividades econômicas na região distintas das atividades tradicionais que compuseram o imaginário de “cidade”, de “trabalho” e de “trabalhador” que antes havia – principalmente no distrito de Neves, que mais guarda esta “tradição do trabalho” por ter sido uma área que recebeu os maiores investimentos econômicos na fase de crescimento e que formou uma base operária marcante, como a do operariado naval. Portanto, mesmo com as novas inserções econômicas e com a divisão do trabalho dos tempos atuais, tudo indica que a cultura trabalhadora vem reinventando os seus espaços em São Gonçalo.

Bibliografia

- FREIRE, Desirée e FREIRE, Denise. “Consolidação de São Gonçalo (RJ) na periferia metropolitana e produção industrial: novas questões para a reflexão.” In Silva, Freire e Oliveira (orgs.), *Metrópole: governo, sociedade e território*. Rio de Janeiro: DP&A, FAPERJ, 2006.
- GUEDES, Simoni Lahud. *Jogo de Corpo. Um estudo de construção social de trabalhadores*. Niterói: Eduff, 1997.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural*. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- LACOSTE, Yves. *A geografia: serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas, SP: Papirus. 1988.
- LEFEBVRE, H. *Espacio y Política: el derecho a la ciudad*, II. Barcelona: Ed. 62 s/a, 1976.
- _____. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo: Ed. Ática, 1991.
- MAGNANI, José Guilherme. “Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole.” In: *Na metrópole: textos de antropologia urbana*. São Paulo: Edusp, Fapesp, 2000.
- MOREIRA, Rui. *Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico*. São Paulo: Contexto, 2007.
- RAFFESTEIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo: Ática, 1993.
- _____. “Écogenèse territoriale et territoire”. In: *Espaces, Jeux et Enjeux*. Auriac, F. et Brunet, R. (eds). Paris: Fayard. 1986.
- REZNIK, Luís. *História local e comunidade: o exercício da memória e a construção de identidades*. Trabalho apresentado na 6ª. Mostra de Extensão, UERJ, 2000.
- SANTOS, Milton. *Espaço e método*. São Paulo: Nobel. 1985.
- SOJA, Edward. *Geografias pós-modernas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 1993.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983.
- _____. *Topofilia: um estudo da percepção, atividades e valores do meio ambiente*. São Paulo/Rio de Janeiro: Difel, 1980.